

Antony

Eu teria gostado de dissecar este nome, mas tudo o que me resta são as lembranças daqueles que conheci, amei, com quem vivi, e alguns que até mandei para um lugar melhor. E para fazer anatomia é preciso ter diplomas, certificações, especializações — burocracia demais.

Gosto de comer frango assado com as mãos e de levantar da mesa logo em seguida para lavá-las, para não carregar o cheiro comigo.

O primeiro “Antonio” — no feminino — foi uma mulher romana, mais velha, segura de si, com aquela calma que as pessoas têm nas noites de verão, quando o mar está morno e a areia ainda não esqueceu o sol. Tentei beijá-la. Ela olhou para mim e disse: “O que você está fazendo?” E eu, com a única ousadia que tinha, respondi: “Sexo seguro.”

Ela caiu na gargalhada, pegou minha mão e me levou de volta até minha mãe, que, no instante em que me viu, explodiu: “O que diabos ele aprontou desta vez?”

“Nada,” disse ela. “Ele quis ser adulto e virou algo mais.” E foi embora.

Minha mãe, tentando ser minha amiga por um momento, chegou mais perto para me convencer a contar o que havia acontecido — esquecendo que era ela quem me havia trazido ao mundo, e que isso não lhe dava nenhum acesso especial aos meus pensamentos.

“Nada de especial,” eu lhe disse. “Ela deixou cair as chaves do carro, se abaixou para pegá-las, e não estava usando calcinha — tinha esquecido isso também. E eu perguntei se ela costuma usá-la preta, e ela ficou vermelha.”

“E o que você fez?” ela perguntou.

“Como você reagiu?”

Como você se comportou?”

Fiz o que o papai sempre faz quando você o deixa com raiva.

Sorriso, me despeço e vou embora.

Nando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com